



EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL DA SEXUALIDADE: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ANÁLISE E ESTUDO DE IMAGENS E SONS

Ricardo Desidério da Silva – contatodesiderio@hotmail.com

Universidade Estadual do Paraná, Unespar, Apucarana, PR, Brasil; Universidade Estadual Paulista, Unesp, Araraquara, SP, Brasil;
<https://orcid.org/0000-0003-2779-2696>

RESUMO: Considerando que as imagens educam e estão imersas em nosso cotidiano, elas nos possibilitam uma variedade de significados. Significados estes que nos submetem a uma reflexão de qual seria sua relação com a educação. Todo vídeo é educativo? Como podemos ir além de um olhar simplista daquilo que as imagens e sons representam? Como (re)significar os seus sentidos? Essas e tantas outras possíveis questões nos levam a pensar sobre sua utilização no ambiente escolar, uma vez que a mesma poderá trazer contribuições muito relevantes para o processo de ensino e aprendizado do aluno, principalmente quando atrelado à temática da sexualidade. Neste sentido, o texto tem como objetivo apresentar uma proposta de análise para os trabalhos que serão desenvolvidos em projetos de Educação Sexual na escola a partir do estudo de imagens e sons. Trata-se de uma alternativa metodológica que não se limita em seu uso, podendo ser adequada a quaisquer outros métodos específicos que se pretenda utilizar em seu trabalho e/ou sua pesquisa. Espera-se ainda, que esta proposta possibilite novas abordagens com o propósito de analisar imagens e sons.

PALAVRAS-CHAVE: Audiovisual; análise; imagens; sexualidade.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo é apresentar uma proposta de análise denominada “Educação Audiovisual da Sexualidade”, inicialmente proposta em minha pesquisa de Doutorado (SILVA, 2015) para os trabalhos que serão desenvolvidos em projetos de Educação Sexual na escola a partir da análise e estudo de imagens e sons.

O que me motivou a escrever este texto é que desde 2017, embora recente, como docente no Programa de Mestrado em Educação Sexual da Unesp/Campus de Araraquara-SP, proponho a disciplina “Educação Audiovisual da Sexualidade” que tem por objetivo discutir a relação existente entre a tríade sexualidade, educação e mídias e suas implicações para a Educação Sexual, promovendo uma visão crítica desses espaços midiáticos no que se refere ao tratamento das questões da sexualidade. Assim, frente a estas discussões, os alunos são levados a analisar um produto midiático com a entrega de um artigo final, e que no ano seguinte, alguns dos textos são selecionados e acabam compondo um livro, organizado por mim (DESIDÉRIO, 2018, 2019).

No entanto, alguns dos apontamentos dos alunos foram, sobre a forma que poderiam metodologicamente, fazer uso dessa proposta da Educação Audiovisual da Sexualidade, uma vez que,

todo desenvolvimento prático da mesma acontece durante as aulas. Com isso, numa proposição bastante válida, Fiorini, Ribeiro e Desidério (2018) inicialmente propuseram algumas abordagens, sendo que, alguns trabalhos se fundamentaram ainda mais especificamente na proposta metodológica (SANTOS e DESIDÉRIO, 2019; BORGES e DESIDÉRIO, 2019) e embora a utilização da mesma, em minha pesquisa inicial (SILVA, 2015), se deu concomitantemente com uma outra abordagem metodológica, percebi que havia uma necessidade de explorá-la ainda mais, detalhando-a passo a passo e ainda, possibilitando seu uso em estudos e pesquisas com análise de imagens e sons, principalmente atrelados à temática da sexualidade.

Se pensarmos na Educação Sexual enquanto necessidade a ser efetivada e a escola enquanto um espaço de produção de cultura, acredito que seja então necessário refletirmos, que nela se almeja uma proposta eficaz em que haja objetivos, conteúdos pertinentes e metodologias adequadas, como a utilização de imagens e/ou vídeos por exemplo, que são recursos pedagógicos que proporcionam reflexões e que, ao mesmo tempo possibilitem debates sobre a temática da sexualidade.

Neste sentido, apresento neste texto uma proposta metodológica de análise ao estudo de imagens e sons: a educação audiovisual da sexualidade, partindo de uma cultura audiovisual (iniciada com o cinema, passando pela televisão até as novas tecnologias da cultura do *upload*) que nos leve a compreensão das diferenças e aproximações de linguagens entre o vídeo e o cinema, assim como a pedagogia do vídeo e seus fins educativos.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 A ESCOLA ENQUANTO PRODUÇÃO DE CULTURA

Quando você se depara com a palavra vídeo, várias ideias podem ter passado em sua cabeça. Imediatamente, talvez, lembre-se de algum vídeo que foi passado em sala de aula, se você estivesse no papel de aluno, ou se, na condição de professor, quando utilizou algum em uma aula ou outra. Se estivesse nessa segunda função, talvez tenha até passado algum material (vídeo) com o intuito de ilustrar uma aula – conteúdo específico que fora abordado. Ou talvez, simplesmente como um material singular – sem qualquer relação com temas abordados em sala – apenas como entretenimento (ALMEIDA, 2004). Entretanto, qual seria sua relação com a educação? Há uma pedagogia do vídeo? Todo vídeo é educativo?

Se pensarmos na educação e os meios de comunicação de massas como áreas distintas, podemos observar que as mesmas lidam com os objetos culturais de formas diferentes. Este fator se deve principalmente a uma dificuldade do educador (escola) em se aproximar e enfrentar esses objetos audiovisuais (cultura), como se cultura e escola pudessem ser divididas.

Almeida (2004, p. 8) afirma que

parece que a escola está em constante desatualização, que é sublinhada pela separação entre a cultura e a educação. A cultura localizada num saber-fazer e a escola num saber-usar, e nesse saber-usar restrito desqualifica-se o educador, que vai ser sempre um instrumentista desatualizado. Essa é uma das razões da separação entre educação e cultura. Outra, talvez a mais importante, é que, atualmente, há uma grande maioria de pessoas cuja inteligência foi e está sendo educada por imagens e sons, pela quantidade e qualidade de cinema e televisão a que assistem e não mais pelo texto escrito.

Para o autor (*idem*, p. 16), a transmissão eletrônica de informações em imagem-som propõe uma maneira diferente de inteligibilidade, sabedoria e conhecimento, “como se devêssemos acordar algo adormecido em nosso cérebro para entendermos o mundo atual, não só pelo conhecimento fonético-silábico das nossas línguas, mas pelas imagens-sons também”. Logo, a linguagem audiovisual precisa ser compreendida para além dos produtos audiovisuais construídos a partir dessa sintaxe, ou seja, dessa justaposição de imagens e sons. Assim, mais do que aprender por meio dos produtos audiovisuais, importa ainda entender essa linguagem para que a educação, mediada pelos professores e alunos, passe a construir um entendimento do mundo (ALMEIDA, 2004).

Assim, várias são as possibilidades de se estudar/aproximar educação e cultura, principalmente quando atrelamos ao estudo de imagens e sons em movimento¹, pois a educação, como prática social, e a escola, como o lugar onde a educação acontece de maneira sistematizada, sempre buscaram nas tecnologias disponíveis recursos que pudessem dar à educação certa qualidade e consistência, seja desde a utilização da lousa aos computadores e *tablets*, hoje disponíveis.

As imagens educam (ALMEIDA, 1999a, 1999b, 2004; COUTINHO, 2003; MIRANDA, COPPOLA e RIGOTTI, 2005; MIRANDA, 2001, 2008; FERRARI, 2012; SILVA, 2015) porque nas entrelinhas dos seus discursos se encontram subtextos que apontam modos de vida, modelos de ser estar em sociedade. O realismo das imagens e sons em movimento se aproxima muito do que as pessoas encontrariam na vida real e, por isso, é reconhecido como uma verdade, diferentemente de outras imagens como a pintura e a fotografia. A educação visual e estética promovida pelas produções do cinema, da televisão e, mais recentemente, da internet, funciona com um tipo de treinamento, doutrinação, *constructo* da memória pessoal e coletiva. E, por meio dessa educação, principalmente a partir dos vídeos ligados à temática da sexualidade, se faz necessário um detalhamento sobre a forma de compreensão do conhecimento das imagens e qual cultura audiovisual é essa.

¹ Inicialmente proposto por Milton José de Almeida (ALMEIDA, 1999a).

O vídeo sem dúvida, em seu formato digital ou analógico², pode ser um recurso pedagógico bastante importante, porém, muitas vezes, conflituoso entre sua real função e a aplicabilidade por parte do professor.

Se pensarmos na relação vídeo e conhecimento, devemos inicialmente ultrapassar o uso dos vídeos apenas como recurso didático ilustrativo, “reconhecendo assim o valor educativo e estético das imagens, sobretudo num filme em que as cenas são construídas na ausência de diálogos e apostando na força das imagens” (FERRARI, 2012, p. 40). Ao trazer para escola essa relação estaremos certos de que as imagens nos educam.

Assim como o cinema, a família, os amigos, a cidade, a escola, a igreja e a própria mídia, os vídeos possibilitam, através de sua projeção oral e figurativa das coisas, uma educação por meio dos valores atribuídos a cada uma dessas coisas que são/estão inseridas no mundo, o que nos permite apreender suas características mais detalhadas e importantes.

Ao se estabelecer uma proposta de educação visual, que se refere a uma ideia de que o olhar é educável (capaz de receber uma educação), inicialmente desenvolvida por Almeida (1999a), o autor nos leva a refletir em algo que faz parte da cultura, como a educação do paladar, do olfato, da audição, do tato, da inteligência, trabalho que também se refere à educação sexual, ou seja, todas essas educações são partes do que Almeida (1999a; 1999b) chama de cultura.

Logo, os filmes, assim como também outras obras artísticas, que são produções da cultura que não obedecem a objetivos pedagógicos e/ou didáticos, Almeida (2004, p. 49-50, grifo nosso) vai nos afirmar que

[...] sua utilização na educação é importante porque [os filmes] trazem para a escola aquilo que ela se nega ser e que poderia transformá-la em algo vívido e fundamental: **participante ativa e criativa dos momentos da cultura**, e não repetidora e divulgadora de conhecimentos massificados, muitas vezes já deteriorados, defasados e inadequados para a educação de uma pessoa que já está imersa e vive na cultura aparentemente caótica da sociedade moderna. A escola, e não menos a de primeiro e segundo grau, é parte da cultura, porém, a parte mais conservadora e desatualizada dessa cultura, o que lhe confere baixo poder político e alta exposição manipulatória. **O estudo das imagens e sons da sociedade moderna pode ser um momento para a educação fazer-se cultura e, talvez, poder.**

Entretanto, pensando nessa transformação da escola em um espaço de produção de cultura, assim como nos expõe Almeida (2004), é que propus inicialmente em minha pesquisa (SILVA, 2015) a educação audiovisual da sexualidade.

² Digital, quando nos referimos à maneira como a imagem foi gravada. Analógica, como atualmente o vídeo obtém, codifica e registra sua imagem.

2.2 A PEDAGOGIA DO VÍDEO: USOS DO VÍDEO PARA FINS EDUCATIVOS

No início do capítulo “Gennariello: a linguagem pedagógica das coisas”, Pasolini (1990, p. 125) afirma que

[...] as primeiras lembranças da vida são lembranças visuais. A vida, na lembrança, torna-se um filme mudo. Todos nós temos na mente a imagem que é a primeira, ou uma das primeiras, da nossa vida. Essa imagem é um signo e, para sermos mais exatos, um signo lingüístico, comunica ou expressa alguma coisa.

Entretanto, quando se pensa em um vídeo para ser trabalhado em sala de aula, o mesmo assume um papel secundário. O vídeo trazido pelo professor é, em geral, utilizado apenas como suporte ao conteúdo, ilustração do que já foi discutido em sala (ALMEIDA, 2004).

Para Almeida, existe uma preocupação se o material é adequado à série proposta, à disciplina, àquela idade, sem ao menos nos levar a pensar que muitas vezes esse mesmo filme já fora assistido pelos alunos com seus responsáveis em casa. O mesmo acontece com

[...] diferentes objetos de conhecimento, novas tecnologias, descobertas históricas e científicas, assuntos políticos, que todos ficam sabendo através de diferentes meios de comunicação e que **nunca entram na escola, porque ela está presa àquela pergunta sobre a adequação, à ideia de fases, ao currículo, ao programa** (ALMEIDA, 2004, p. 7-8, grifo nosso).

Isso fica muito evidente se atrelarmos à temática da sexualidade, pois surge a dúvida se aquele vídeo é adequado para aquela série e/ou alunos, assim como a afirmação de que o assunto não pode ser passado/comentado com eles. Contudo, as dúvidas e curiosidades sobre sexualidade podem ser comentadas entre os próprios amigos de forma informal e/ou confirmada em seu silenciamento de não falar sobre o assunto em casa e reforçado isso na escola. Para Almeida (2004, p. 13), “tradicionalmente, os conteúdos da escola já vêm pré-selecionados – aprende-se tal coisa em tal série, em tal curso, para alunos de tal idade, de tal formação”.

Com isso, a escola está em constante desatualização nessa separação entre a cultura e a educação. Uma das razões para isso estaria no professor como instrumentista desatualizado, seguindo padrões estabelecidos pelo Estado ou pela instituição privada. Outra, por não haver uma preocupação em educarmos para as imagens e sons. O que possibilitaria pensar não mais o vídeo como ilustração, mas como objeto cultural (ALMEIDA, 2004).

Teixeira e Lopes (2003, p. 14) afirmam que

[...] tal como a palavra escrita, a imagem precisa ser decifrada e compreendida, para dela melhor se retirar toda a mensagem, para melhor usufruirmos seu prazer e para melhor nos precavermos contra suas ciladas. É, portanto, urgente exercitar os professores, como também os jovens, nossos estudantes, no seu manuseio. E nenhum outro local será, à partida, mais indicado para fazê-lo do que a escola. Nesse sentido, é urgente o trabalho educativo de formar e sensibilizar as novas gerações para a especificidade dessa linguagem, tanto para as suas potencialidades na leitura do mundo e da vida, quanto para os perigos e as armadilhas que ela comporta. De igual forma, é necessário despertá-las para o fascínio de sua magia, combatendo todas as formas de massificação de narrativas, contra todo o colonialismo de qualquer sistema de signos que se procure impor.

Coutinho (2006, p. 75) alerta-nos que, “mais do que os conteúdos que cada filme possa trazer, a presença do cinema, da televisão, dos vídeos na escola pode se constituir em momentos de reflexão que transcendam os próprios filmes”. Para a autora, na escola, quando um filme termina, é possível então conversar sobre ele, possibilitando muitas reflexões.

Professores e alunos podem utilizar filmes por muitos motivos: para enriquecer o conteúdo das matérias, para introduzir novas linguagens à experiência escolar, para motivar os alunos para certo tipo de aprendizagem, para o desenvolvimento de determinada função, para entretenimento. Não que o cinema chegue na escola sem conflitos. Talvez o cinema na escola deva mesmo se constituir em oportunidades para a explicitação dos conflitos com os quais a escola e a educação têm de lidar (COUTINHO, 2006, p. 76).

Com isso, o vídeo para fins educativos pode sim contribuir, e muito, para reflexões importantes sobre diversas temáticas no âmbito educacional, possibilitando ainda o poder fazer-se cultura.

2.3 EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL DA SEXUALIDADE: UMA METODOLOGIA PARA ANÁLISE E ESTUDO DE IMAGENS E SONS

A expressão adotada por mim (SILVA, 2015), educação audiovisual da sexualidade, “se refere ao olhar que é educável, que faz parte da cultura e que suscetivelmente nos educa para uma sexualidade que é realizada a partir da junção de elementos de duas naturezas: os visuais e os sonoros – imagens e sons em movimento” (idem, p.46).

Ou seja, quando temos contato com um produto audiovisual, antes mesmo de sua exibição, construímos em nossa imaginação uma idealização sobre o objeto e/ou assunto. Para exemplificar, se você leitor/a tivesse que imaginar um gato, você poderia pensar no seu gatinho, caso você tenha um, ou naquele que te remete a sua infância. Enfim, várias são as possibilidades de imaginação – a idealização sobre o objeto – o gato, no nosso caso.

No entanto, quando o mesmo é exibido, suas narrações vão tomando uma forma estética na representação visual que se movimenta na sequência que é apresentada (começo, meio e fim). No exemplo dado, se depois de toda sua imaginação em relação ao gato, se eu os apresentasse uma imagem específica: o gato de botas, personagem fictício dos filmes de Shrek. Independentemente de como havíamos idealizado inicialmente, afirmaria através dessa imagem que o gato é esse e ele é assim.

Ou seja, esse objeto ou qualquer outro e/ou assunto e personagens reais ou fictícios vão tomando conta, expressando-se em imagens e palavras, valores e mensagens diversas que podem se mostrar em suas narrações e/ou figuras morais e modelares de virtudes e até vícios – signos da realidade (SILVA, 2015). Com isso, dessa linguagem audiovisual, decorre “a credibilidade quase total do espectador naquilo que vê nas telas e que acredita ser real e verdade” (ALMEIDA, 1999b, p. 12). Segundo o autor, além de essas narrações visuais serem as mais populares e as mais eficazes politicamente há muito tempo,

[...] do ponto de vista dos produtores é importante manipular ou tentar controlar o entendimento dessas imagens, do ponto de vista da análise e da interpretação é importante entender não só o que estas narrações em imagens deixam ver, mas a linguagem de sua fabricação, o significado que essa linguagem atribui às “realidades” mostradas através da montagem das seqüências e cenas e aquilo que acontece entre elas. É a existência dessa montagem e do conseqüente intervalo entre as seqüências e cenas que faz, também, com que as pessoas saiam com sentimentos e opiniões muito diferentes, tendo assistido ao mesmo filme ou visto o mesmo programa de televisão. Intervalo que fica invisível nas emendas de cada seqüência que compõem uma narração em movimento visual (ALMEIDA, 1999b, p. 12).

Bahiana (2012, p. 71), também vai afirmar que “nada que está na tela, em momento algum, é gratuito ou por acaso; tudo o que está na tela, a qualquer momento, tem uma razão de ser” e, quando falamos de audiovisual, a linguagem de que falamos é, portanto, auditiva e visual. Falamos de histórias que dialogam com a vida real (DE CARLI, 2009). Para Coutinho (2006, p. 47), os audiovisuais “nos ensinam algo de muito importante: o sentido”. Para a autora, mais do que um audiovisual quer dizer, é preciso sentir o que nós queremos dizer a partir dele.

Entendemos que a linguagem audiovisual é educativa e dizer que algo participa da educação “é mostrar que determinado entendimento, sentimento ou julgamento não é natural, ou seja, aprendemos a tê-los. No caso das imagens, é dizer que vemos porque aprendemos a olhar” (MIRANDA, 2005, p. 35). Logo, aprender a ler o mundo por meio de imagens e sons sugere uma compreensão da cultura e do sentido de liberdade que envolve cada ato humano, seja ele individual ou coletivo. É a nossa inteligibilidade das linguagens audiovisuais que nos permite olhar cada um dos fragmentos da história apresentados e compreendê-los no seu caráter exemplar, em toda a sua extensão e complexidade (COUTINHO, 2003).

Para Oliveira Jr. (2011, p. 102), toda mídia, que é audiovisual “estaria, por este pensamento, nos educando visual e auditivamente para certas sexualidades”. De certa forma, ele nos alerta que,

[...] com raras exceções de programas mais didáticos e informativos, não está deliberadamente a nos educar, ou seja, a mídia não realiza uma educação sexual, exceto no que se refere a nos informar sobre coisas que dizem respeito à saúde pessoal e pública daqueles que vivenciam ou pretendem vivenciar práticas sociais vinculadas à sexualidade. [...] Este e alguns poucos outros têm sido os lugares em que entendo que a mídia tem se voltado para uma educação sexual (OLIVEIRA JR., 2011, p. 102).

Nesse sentido, esperamos que o professor seja capaz de ter um olhar que educa para uma sexualidade que é realizada a partir de imagens e sons em movimento, e que ele possa perceber o vídeo não mais como ilustração, mas sim (por meio dessa educação audiovisual da sexualidade) apreender os elementos de conteúdos que efetivamente podem ser extraídos desses vídeos e se os mesmos podem ou não ser adequados para uma Educação Sexual na escola. Verificando se há ou não modelos de gênero normativos nos personagens e/ou se as representações reforçam estereótipos ou possibilitam discussões inclusive, são algumas das possibilidades de análise para os intervalos que ficam invisíveis e que Almeida (1999b) afirma compor a narração em movimento visual.

2.4 GUIA PRÁTICO PARA ANÁLISE E ESTUDOS DE IMAGENS E SONS³

Inicialmente, deve-se fazer a escolha do produto a ser analisado (um filme, uma revista em quadrinhos, um programa de rádio, um desenho animado, uma reportagem de jornal, um site, uma campanha publicitária, uma rede social, etc.)

Quando se tratar de uma análise de um produto audiovisual específico, a sugestão é que mantenha-se um padrão na descrição do material, o que irá facilitar o leitor num primeiro momento a se aproximar de seu objeto de análise. A seguir, apresento um exemplo dessa padronização (tabela 1) a partir do documentário “Precisamos falar com os homens? Uma jornada pela igualdade de gênero”⁴ da ONU Mulheres Brasil, do #ElesPorElas, um movimento para a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres, cujo objetivo é engajar homens e meninos para novas relações de gênero sem atitudes e comportamentos machistas.

³ Adaptado/baseado na proposta de roteiro para análise de produtos televisivos (FISHER, 2013) e complementações de minha pesquisa (SILVA, 2015).

⁴ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=jyKxmACaS5Q>>. Acesso em 02/10/2019.

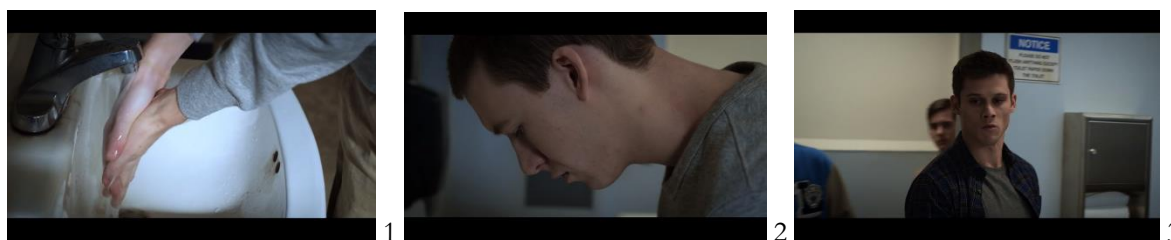
Quadro 1 – Informações sobre o documentário “Precisamos falar com os homens?”

Vídeo	PRECISAMOS FALAR COM OS HOMENS? Uma jornada pela igualdade de gênero
Tema central	Igualdade de gênero
Sinopse	O documentário aproxima os homens para um discussão muito importante em que a igualdade de gênero é uma questão que afeta a todos e todas e que, portanto, é benéfica a homens e mulheres. Nele são apresentados questões pertinentes de como se formam, se sustentam e de que modo podemos desconstruir os estereótipos de gênero nocivos, que perpetuam o nosso cenário atual.
Personagem(ns) principal (is)	Diversos.
Contexto	O documentário é resultado de uma pesquisa qualitativa que rodou o Brasil e será complementado pela pesquisa quantitativa online ainda em curso.
Duração	51'08”

Fonte: o autor. Estrutura proposta por Silva (2015)

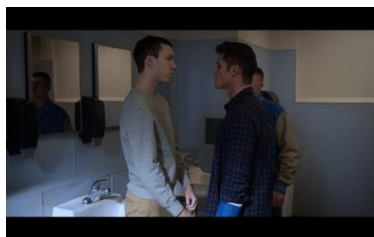
Em seguida, pensando nos elementos (personagens, narrativas e intencionalidades) que compõem a narrativa audiovisual do material e para que possamos compreender melhor o desenvolvimento das histórias apresentadas, seja nesse exemplo dado ou em quaisquer audiovisuais, partimos para a apresentação das transcrições de suas narrativas, assim como os planos dos filmes, na mesma sequência que surgem nos vídeos.

Nota-se que fica a critério do pesquisador as passagens que serão utilizadas em seu estudo, podendo não ser necessário a transcrição de todo material, nem mesmo a sequência de todos os planos do filme. O exemplo a seguir, trata-se de um pequeno fragmento de uma pesquisa baseada na série “13 Reasons Why” (CARRINO; DESIDÉRIO; GIROTO, 2019).

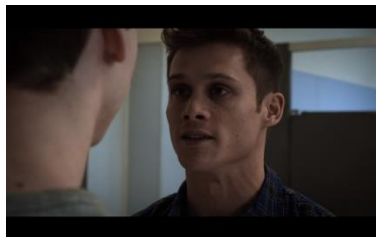


A cena começa com o personagem Tyler Down (interpretado por Devin Druid) lavando suas mãos no banheiro masculino da escola no momento em que chega o personagem Montgomery de La Cruz (interpretado por Timothy Granaderos) acompanhado de mais dois amigos e o indaga:

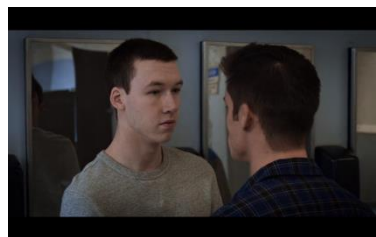
Montgomery de La Cruz: Por quê você resolveu voltar, porra?



4



5



6

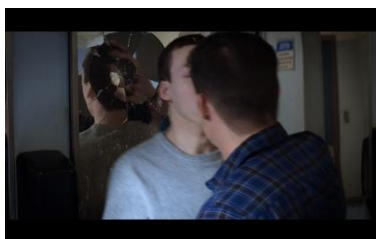
Tyler: Eu completei o programa.

Montgomery: É você ferrou com tudo aqui.

Tyler: Me desculpa por tudo, se eu te magoei de alguma forma.

Montgomery empurra Tyler e diz: Cancelaram a merda da temporada.

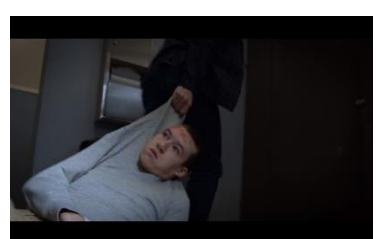
Tyler: Eu agi com muita raiva e confusão, mas eu vou ser melhor, eu espero que a gente consiga conversar um com o outro.



7



8



9

Neste momento, Montgomery arremessa a cabeça de Tyler no espelho do banheiro e na sequência bate por duas vezes a cabeça de Tyler na pia do banheiro, deixando-o tonto e ferido (CARRINO; DESIDÉRIO; GIROTO, 2019, p. 51-52).

Considerando que os elementos que compõem o audiovisual estão diretamente relacionadas aos personagens e suas narrativas e que, depois de minuciosamente ter delimitado se o material será analisado por completo ou partes dele a partir das transcrições de suas narrativas, assim como os planos dos filmes, partimos para um momento muito importante da metodologia, que é buscar a interface entre personagens, narrativas e suas intencionalidades.

Ressalto que, nesse momento, o leitor poderá fazer uso de uma outra abordagem metodológica que lhe dará respaldo ao seu trabalho, não se limitando apenas a essas sugestões. Uma vez que, cada pesquisador pode haver uma afinidade específica com uma outra metodologia, mas o guia a seguir o norteará a encontrar elementos que corroborarão nas intencionalidades do material analisado.

Quadro 2 – Guia: Educação Audiovisual da Sexualidade⁵

EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL DA SEXUALIDADE

1. QUE TIPO DE MATERIAL É ESSE?

Neste momento, deve-se apenas identificar o tipo de material que irá analisar. Em seu trabalho, cada item deste guia pode ser transcrito, podendo contribuir com a escrita de seu texto.

a) () trata-se de ficção (seriado, telenovela, minissérie, caso especial, outro, _____);

⁵ Em cada item apresenta-se em *itálico* breves considerações da questão para auxiliar o leitor em sua compreensão.

- b) () programa da área de telejornalismo (telejornal, documentário, reportagem especial e/ou outro, _____);
c) () programa de humor;
d) () produto publicitário, qual: _____;
e) () programa institucional, didático;
f) () programa de entrevistas, talk show;
g) () outro, _____.

2. QUAIS OS OBJETIVOS DESSE MATERIAL/PRODUTO?

É possível que o próprio material a ser analisado traga informações quanto aos seus objetivos. Quando não evidenciados, o pesquisador deverá identificá-lo, pois trata-se de um item importante para análise.

3. QUAIS SUAS ESTRATÉGIAS DE VEICULAÇÃO?

Deve-se descrever de que maneira, o produto analisado é apresentado ao público (divulgação, canal aberto ou fechado, horário de vinculação, periodicidade etc.). Quando se trata de um vídeo disponível no YouTube por exemplo, o mesmo pode alcançar muitas visualizações e tal informação pode ser importante para sua análise.

4. A QUEM SE DESTINA ESSE MATERIAL/PRODUTO?

O item busca identificar o perfil a quem foi pensado o produto. Embora, pode-se encontrar materiais em que não é evidente a informação, devendo o pesquisador identificá-lo para sua análise.

5. QUAL A ESTRUTURA BÁSICA DO MATERIAL?

Neste momento, o pesquisador coleta informações importantes do produto a ser analisado, pois elas servirão de base para sua descrição no momento de apresentar o material que será trabalhado. Não há necessidade de responder todos os itens, ficando a critério do pesquisador.

- a) Tempo total do programa:
- b) Duração de cada parte/bloco:
- c) País de origem:
- d) Ano:
- e) Título do programa/bloco a ser analisado:
- f) Slogan, qual:
- g) Há linearidade de introdução, desenvolvimento e conclusão:
- h) Quais os “pontos altos” do programa/produto:

6. DE QUE TRATA ESSE MATERIAL?

Trata-se de um momento que auxiliará na escrita inicial da análise, juntamente com o item anterior. Neste momento, deve-se relatar resumidamente a história do produto a ser analisado. Pode-se atentar a muitos detalhes, o que contribuirá com a análise de um modo geral, assim como, ser breve, ficando a critério do pesquisador.

7. QUAIS OS PRINCIPAIS TEMAS ENVOLVIDOS?

Talvez este item seja um dos mais importantes de sua análise, pois é aqui que o pesquisador identifica as temáticas que são abordadas no material, podendo utilizá-lo no todo ou fragmentos dele. Para o item, se houver a necessidade de se elencar categorias de análises para todas as informações refletidas/obtidas pelo guia, uma sugestão é fazer uso da análise de conteúdo, modalidade temática (BARDIN, 2007) como instrumento metodológico complementar.

<p>8. QUEM FALA NESSE MATERIAL?</p> <p><i>Complementar ao item anterior, talvez seja uma observação importante se atentar aos personagens, quem é aquele que fala? Há personagens masculinos e femininos?</i></p>
<p>9. DE QUE LUGAR SOCIAL OU INDIVIDUAL ESSA OU ESSAS PESSOAS FALAM?</p> <p><i>Perceba que um item acaba sendo complementar ao outro. Neste momento, deve-se identificar se homens e mulheres que aparecem no material têm os mesmos papéis e/ou se há desigualdade de gênero? É importante ressaltar, que pode haver análises em que não será tratado tais questões. Neste caso, desconsidera-se o item.</i></p>
<p>10. QUAL A ESPECIFICIDADE DESSES PERSONAGENS E QUAIS AS AÇÕES E COMPORTAMENTOS RELACIONADOS COM A SEXUALIDADE?</p> <p><i>Para este item, alguns pontos são levados em consideração. No que se refere a especificidade dos personagens, trata-se das características físicas, vestimentas (quando houver necessidade), do tipo de relação entre eles, se de amizade, se uma relação amorosa, familiar ou outra. Quanto as ações e comportamentos relacionados com o gênero e a sexualidade, esta é também parte de sua análise. Aqui você pode se atentar a detalhes de como cada personagem ou de como o produto analisado trata das questões da sexualidade. Pode-se inclusive fazer um elo com os principais temas envolvidos já identificado no item sete.</i></p>
<p>11. COM QUE LINGUAGENS SE FAZ ESTE MATERIAL/PRODUTO?</p> <p><i>Alguns pontos são essenciais para esta análise: a) como se dá a distribuição do texto (roteiro) em relação às imagens (homens e mulheres têm o mesmo papel e/ou há desigualdade de gênero)?; b) o que caracteriza a sonorização do programa, como ela marca a narrativa? Deve-se atentar aos elementos audiovisuais que configuram o material. E c) como os diferentes espaços (cenários) se entrelaçam para comunicar algo? Este ponto é essencial quando se quer analisar não só a personagem, mas todo o espaço que configura o que está sendo exibido, pois cada detalhe é pensado minuciosamente e tem um significado.</i></p>
<p>12. QUE RELAÇÕES FAZER ENTRE ESSE MATERIAL/PRODUTO?</p> <p><i>Arelada as análises das temáticas do material, deve-se propor em uma análise o que se espera dele. Afinal, sendo ele um produto de qualidade ou não. Que contribua ou não com aquilo que está sendo exibido, o mesmo está disponível e precisa muitas vezes ser ressignificado. Assim, deve-se pensar: a) para que seja efetivado o compromisso de uma Educação Sexual na escola, este programa/produto destaca sua importância na compreensão das dimensões técnica, estética, política e ética (SILVA,2015)?; b) que elementos de conteúdos efetivamente podem ser extraídos? Seria este programa/produto adequado para uma Educação Sexual na escola?; c) que discursos e representações culturais e sociais estão em jogo nesse/nesses material/materiais? Há modelo de gênero normativos nos personagens? As representações reforçam estereótipos ou possibilitam discussões para o desenvolvimento de diretrizes e princípios filosóficos, éticos e políticos emancipatórios? e; d) De que forma este programa/produto poderia ser ressignificado, atribuindo a ele novos sentidos e novas concepções? Estas questões poderão assim, subsidiar as suas considerações finais de sua análise.</i></p>

Fonte: Silva (2015) com adaptações

No que se refere as dimensões técnica, estética, política e ética (SILVA, 2015) da explicação do item 12 (doze) letra “a” da tabela 2, tratam-se dos seguintes apontamentos que devem ser levados em consideração: na *dimensão técnica*, deve-se analisar se o material apresenta uma estrutura formal, sistematizada e científica dos conteúdos apresentados ou se estão pautados em afirmações do senso comum. Já na *dimensão estética*, nos referimos à sensibilidade e a beleza da sexualidade, não mais como algo feio, sujo e vulgar. De que maneira a temática é vista e apresentada no material, cabendo a nós ressignificarmos essa visão negativa da sexualidade para uma vivência positiva e saudável da mesma. Em

sua *dimensão política*, o material assume o compromisso quanto à participação ativa frente à luta na construção de uma Educação Sexual emancipada? E, conseqüentemente, a *dimensão ética*, é possível identificar no material analisado um compromisso de, além de nos levar a uma reflexão/discussão sobre o porquê e para que a ensinamos, propõe uma discussão a partir do replanejamento de nossas ações, possibilitando diálogos sobre igualdade de gênero e, principalmente, o respeito às diversidades sexuais, por exemplo.

É importante perceber, que nesse momento, mesmo se tratando de um guia com apontamentos para o seu preenchimento, o olhar atendo ao material não se limita apenas em uma ou duas únicas exibições. É preciso assistir várias vezes e em momentos não contínuos também. Essa não continuidade nas exibições, contribui para uma nova percepção não identificada ou observada anteriormente, por isso, as pausas são muito importantes. Assista o vídeo na íntegra uma ou duas vezes. Faça leituras que complementarão sua fundamentação teórica. Depois assista novamente, talvez até fragmentando partes do material. Você irá perceber o quanto as transcrições, assim como os planos de seqüência do vídeo são importantes para detalhes muitas vezes não observados num primeiro momento. Afinal, como já mencionado no texto por Bahiana (2012) “nada que está na tela, em momento algum, é gratuito ou por acaso; tudo o que está na tela, a qualquer momento, tem uma razão de ser” (p.71).

Se em suas análises, como já apontado no próprio guia (item 7), se houver a necessidade de se elencar categorias de análises para todas as informações refletidas/obtidas, pode-se utilizar da análise de conteúdo, modalidade temática (BARDIN, 2007) como instrumento metodológico complementar ou fazer uso de quaisquer outros instrumentos metodológicos em que o pesquisador tenha mais familiaridade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas narrativas fílmicas (cinema) e videográficas (vídeo), novos mundos são inventados já que “o filme nos propõe o momento da criação de outro mundo, onde estão se organizando, como pela primeira vez, espaço, tempo e homens. O filme nos oferece uma narrativa fundadora. A cada filme produzido um mundo é fundado” (OLIVEIRA JR., 1999, p. 6), presentificando, pois, novos sentidos, códigos e conhecimentos aos espectadores a partir da comunhão imagética existente na película.

Se pensarmos no vídeo enquanto um novo instrumento de inteligibilidade, sabedoria e conhecimento, podemos concebê-lo como educativo. Essa perspectiva do vídeo enquanto linguagem escrita da realidade através de seus signos (imagens e sons) nos remete a Pasolini (1982, p. 192) ao afirmar que “[...] a linguagem escrita da realidade, far-nos-á saber, antes de tudo o mais, o que é a linguagem da realidade; e acabará por finalmente modificar o nosso pensamento diante dela, tomando as relações

físicas, pelo menos, com a realidade, relações culturais”. Ou seja, todo vídeo é educativo por termos consciência dessa linguagem da realidade e do quanto somos influenciados por ela.

Assim, quando o vídeo é levado para sala de aula, há uma enunciação da verdade (discurso), possibilitando um aprender algo por meio da percepção entre o educador (escola) e as imagens e sons em movimento (cultura). Esse discurso que, por sua vez, é estético (político), simplesmente apresenta uma maneira de impor padrões de percepção – para que todos percebam/sintam/compreendam da mesma forma. Entendemos como padrão tudo aquilo que se repete, e se repete, acabando por assumir uma verdade.

O vídeo, assim como nos afirma Almeida (2004, p. 9), apresenta “forte absorção e reprodução de comportamentos e visões de mundo expressas nesses meios”. Nesse sentido, quando o vídeo traz nas entrelinhas de toda sua imagem um discurso invisível que diz “isto é assim”, ou seja, um modelo a seguir, cabe a nós educadores nos atentar não apenas a essas entrelinhas, mas também aos chamados gêneros de ficção, pois esses sim vão requerer um olhar pedagógico mais atento (BRUZZO, 1995; 1998).

Neste sentido, espera-se que a educação audiovisual da sexualidade, enquanto uma proposta metodológica não se limite e que novas abordagens surjam a partir dela, mas que ela possibilite, assim como nos afirma Moreno (1999, p. 17), que ao invés “de ensinar a obedecer, pode ensinar a questionar, a buscar os porquês de cada coisa, a iniciar novos caminhos, novas formas de interpretar o mundo e de organizá-lo”. Assim, por qualquer que seja o gênero apresentado, quando se pensa no uso de vídeos, que aqui afirmamos serem educativos, nosso papel é possibilitar não apenas as reflexões do que já foi pensado/apresentado no material, mas ensinar o aluno a pensar por si só, ressignificando o que foi apresentado, atribuindo assim ao material novos sentidos e novas concepções.

4 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Milton José. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. 3 ed., São Paulo: Cortez, 2004.
- ALMEIDA, Milton José. *Cinema: arte da memória*. Campinas, SP: Autores Associados, 1999a.
- ALMEIDA, Milton José. Educação Visual da Memória: Imagens Agentes do Cinema e da Televisão. *Pró-Posições*, v. 10, n. 2, 29. ed., jul. 1999b.
- BAHIANA, Ana Maria. *Como ver um filme*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Trad. Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro Lisboa. Lisboa: Edições 70, 2007.
- BORGES, Matheus Zaffani; DESIDÉRIO, Ricardo. Gênero, sexualidade e (des)educação na série “(Des)encantato”, de Matt Groening. In: DESIDÉRIO, Ricardo (org). *Sexualidade em cena: discursos midiáticos e suas múltiplas leituras*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. p. 147-168.

BRUZZO, Cristina. *O cinema na escola: o professor, um espectador*. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

BRUZZO, Cristina. O documentário na sala de aula. *Revista Ciência & Ensino*, v. 4, 1998.

CARRINO, Adalto Luiz; DESIDÉRIO, Ricardo; GIROTO, Claudia Regina Mosca. Adolescência, mídia e sexualidade: o discurso do episódio “bye” na série “13 reasons why”. In: DESIDÉRIO, Ricardo (org). *Sexualidade em cena: discursos midiáticos e suas múltiplas leituras*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. p. 41-62.

COUTINHO, Laura Maria. *O estúdio de televisão e a educação da memória*. Brasília: Plano Editora, 2003.

COUTINHO, Laura Maria. *Audiovisuais: arte, técnica e linguagem – 60h*. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

DE CARLI, Ana Mery Sehbe. *O corpo no cinema: variações do feminino*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2009.

DESIDÉRIO, Ricardo (org). *Sexualidade em cena: discursos midiáticos e suas múltiplas leituras*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

DESIDÉRIO, Ricardo (org). *Reflexões sobre a sexualidade nos espaços midiáticos*. Londrina: Syntagma Editores, 2018.

FERRARI, Anderson. “Politicamente silenciosa”: cinema e a formação ética-estética dos sujeitos. In: FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de (Orgs.). *Política e poética das imagens como processos educativos*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012.

FIORINI, Jessica Sampaio; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal; DESIDÉRIO, Ricardo. Gênero, sexualidade e mídia: contribuições para educação sexual na infância. In: DESIDÉRIO, Ricardo (org). *Reflexões sobre a sexualidade nos espaços midiáticos*. Londrina: Syntagma Editores, 2018. p. 16-39.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque; COPPOLA, Gabriela Domingues; RIGOTTI, Gabriela Fiorin. A educação pelo cinema. *Rev. Educação e Cinema*, Unicamp: SP, p. 02, 2005.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque. Reflexões de um Tempo e Diligências para Metodologias de Estudo de Imagens em Educação. *Revista Educação & Realidade*, v. 33, nº1, pp. 99-115, jun/jun, 2008.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque. A fisiognomia de Charles Le Brun – a educação da face e a educação do olhar. *Pro-posições*. Campinas, vol. 16, n. 2 (47), p. 15-35, maio/ago. 2005.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque. Uma educação do olho: as imagens na sociedade urbana, industrial e de mercado. *Caderno Cedes*, Campinas, n. 54, p. 28-40, ago. 2001.

MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*. Trad. Ana Venite Fuzatto. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

OLIVEIRA JR., Wencesláo Machado. *Chuva de cinema: natureza e cultura urbanas*. Tese de doutorado em Educação. Campinas, SP: Unicamp, 1999.

OLIVEIRA JR., Wenceslão Machado. Poder e ternura: a educação dos sentidos nas sexualidades do filme Amarelo Manga. In: DESIDÉRIO, Ricardo; CAMARGO, Hertz Wendel de (Orgs.). *Mídia, Educação e Sexualidade*. Londrina, PR: Syntagma Editores, 2011.

PASOLINI, Pier Paolo. *Empirismo berege*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982.

PASOLINI, Pier Paolo. Gennariello: a linguagem pedagógica das coisas. In: LAHUD, Michel (Org.) *Os jovens infelizes*: Antologia de ensaios Corsários. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SILVA, Ricardo Desidério. *Educação Audiovisual da Sexualidade: olhares a partir do Kit Anti-Homofobia*. 2015, 144 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP, 2015.

SANTOS, Guilherme Gomes dos; DESIDÉRIO, Ricardo. Badoo: uma análise dos perfis pessoais em uma rede de relacionamentos. In: DESIDÉRIO, Ricardo (org). *Sexualidade em cena*: discursos midiáticos e suas múltiplas leituras. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. p. 63-78.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Sousa Miguel (Orgs). *A escola vai ao cinema*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Title

Audiovisual education of sexuality: a methodological proposal for image and sound analysis and study.

Abstract

Considering that images educate and are immersed in our daily lives, they still enable a variety of meanings. These meanings that submit us to a reflection of what would be its relationship with education. Is every video educational? How can we go beyond a simplistic look at what images and sounds represent? How to (re) mean your senses? These and many other possible questions lead us to think about its use in the school environment, since it may bring very relevant contributions to the teaching and learning process of the student, especially when linked to the theme of sexuality. In this sense, the text aims to present a methodology for the works that will be developed in Sexual Education projects at school from the analysis and study of images and sounds. It is a methodological alternative that is not limited in its use, and may be suitable for any other specific methods that you intend to use in your work and/or your research. It is also hoped that it will enable new approaches with the same purpose of analyzing images and sounds.

Keywords

Audiovisual; analysis; images; sexuality.

Recebido em: 02/10/2019.

Aceito em: 08/04/2020.